

## I. História Economia Agrária

### “Duas fronteiras: o oeste paulista e o sudeste bonaerense no século XIX”

María Verónica Secreto

(Instituto de Economia -UNICAM- Brasil)

#### *Introdução*

Utilizamos o conceito de fronteira para compreender a dinâmica de ocupação de amplos espaços para fins econômicos e sobretudo a expansão agrícola que experimentaram duas regiões, o Oeste Paulista e o Sudeste Bonaerense entre 1870 e 1920. Estes espaços, que estavam escassamente povoados pelo homem branco nas últimas décadas do século XIX, são ocupados a partir da demanda internacional de trigo e café.

Podemos afirmar que o avanço da fronteira no oeste paulista e no sudeste bonaerense pertencem a um mesmo processo histórico, o da incorporação destes países ao mercado internacional. Tanto o Brasil como a Argentina já participavam do comércio internacional antes de meados do século XIX. Brasil tinha conhecido o auge da economia açucareira e a Argentina, fenômeno parecido com a exportação de couros e outros subprodutos pecuários. Mas, a aceleração do processo capitalista nos países centrais colocou os produtos destes países numa situação privilegiada. Os cereais, sobretudo o trigo, estava nas mesas européias fazia muitos séculos e o café, que entrou na Europa no século XVII, já tinha ganhado um espaço importante nos consumos alimentares europeus.

Temos duas fronteiras bem definidas do ponto de vista dos tipos de exploração econômica que se desenvolveram nelas. Ferrovias, máquinas agrícolas, abundância relativa de terras, acompanham o processo de expansão da produção agrícola em ambos países, e especificamente nas regiões escolhidas.

A característica de território novo, terras abertas ou de fronteira, não outorgou às regiões estudadas um regime de propriedade da terra de pequenas unidades. Por este motivo o acesso dos imigrantes à propriedade da mesma foi muito reduzido.

O processo pelo qual incorporaram-se estes territórios, os da fronteira, tanto no Brasil como na Argentina foi rápido e para as primeiras décadas do século XX, já tinham realizado todas as suas possibilidades: colheitas espetaculares, construção de vias férreas, articulação portuária, integração de espaços, surgimento de cidades, deslocamentos populacionais, etc.

#### *II. A fronteira de Turner*

Poucas interpretações históricas, tal vez nenhuma, tiveram o êxito que teve a da fronteira de Turner. Sua teoria do avanço da fronteira americana como explicação do desenvolvimento particular dos Estados Unidos, converteu-se, ainda em vida dele, na versão ortodoxa nacional, a que se ensinava nas escolas<sup>1</sup>.

Quando em 1893 Turner pronuncia seu discurso sobre o significado da fronteira na história americana, Marx já tinha expressado n' "*O Capital*" alguns dos elementos que caracterizaram o desenvolvimento da fronteira americana<sup>2</sup>.

Segundo Hebe Clementi, a obra de Turner situa-se no contexto particular de finais do século XIX, em que os economistas mais importantes da Europa ocuparam-se do problema da terra e de seu valor dentro das economias dos Estados. Mas o tema da terra/fronteira é percebido em toda sua importância antes de finais do século. Para Ricardo a existência de terras abertas significava a possibilidade de importar cereais a partir da ocupação delas. Sua única preocupação é a possibilidade de cereais baratos para a Inglaterra.

Para Lenin a existência de terras disponíveis, pelo menos numa etapa posterior à ocupação inicial dessas terras, possibilitaria e facilitaria o desenvolvimento do capitalismo tal como ele o analisou em *Capitalismo e agricultura nos Estados Unidos*.<sup>3</sup> Uma das primeiras

<sup>1</sup>- Cf. Clementi, Hebe, "**J.F. Turner**", Centro Editor de América Latina, Buenos Aires, 1992, pág. 22.

<sup>2</sup>- Marx, Carlos, "**El Capital, Vol. 1**", Fondo de Cultura Económica, México, 1986, pág. 650-658.

<sup>3</sup>- Lenin, Vladimir Ilich, "**Capitalismo e agricultura nos Estados Unidos: novos dados sobre as leis de desenvolvimento do capitalismo na agricultura**", Brasil Debates, São Paulo, 1980.

conclusões a que arriba baseando-se nos dados censitários de 1900 e 1910 é que "... a superfície está longe de indicar sempre e de forma direta a grandeza efetiva da exploração e seu caráter capitalista, sob este aspecto, os dados relativos ao trabalho assalariado provem e convencem infinitamente mais."<sup>4</sup> Também lá a famosa agricultura não-capitalista, 'fundada no trabalho familiar', é apenas um mito"<sup>5</sup>

Embora o progresso agrícola não se expressa pelo aumento da superfície cultivada, observa que o capitalismo se desenvolve sob a dupla forma: pelo crescimento extensivo das explorações que utilizam tecnologia atrasada e pela criação de unidades pequenas em superfície, mas intensivas, dedicadas a culturas mercantis, que utilizam trabalho assalariado e tem um volume grande de produção. Todo o processo de desenvolvimento do capitalismo na agricultura é acompanhado pela expropriação dos pequenos agricultores pelos grandes. A este respeito a fronteira tem seu papel: "*Vemos afirmar-se aqui, com toda sua evidencia, uma particularidade dos Estados Unidos que nós já ressaltamos diversas vezes, e que consiste na existência de terras não ocupadas, de terras vagas.*" E agrega ao respeito: "*Esta particularidade explica, de um lado, o desenvolvimento extremadamente rápido e amplo do capitalismo americano (...) Por outro lado, esta particularidade absolutamente desconhecida dos velhos países capitalistas da Europa desde há muito povoados, tem por resultado mascarar na América o processo de exploração dos pequenos agricultores que se realiza nas regiões já povoadas e mais industrializadas do país*"<sup>6</sup>

As peculiaridades da fronteira americana era para finais do século XIX um fenômeno amplamente percebido pelo que podemos chamar de observadores qualificados desse século. No "*El significado de la frontera en la historia americana*", Turner parte de uma observação feita pelo superintendente do censo de 1890: "*Hasta 1880 inclusive, el país tuvo una frontera de colonización, pero en el momento actual la superficie sin colonizar se ve tan fragmentada por cuerpos aislados de colonización que difícilmente pueda decirse sea una línea de frontera. En consecuencia, la discusión de su extensión, su expansión hacia el oeste, etc., ya no podrá tener cabida en adelante en los informes referentes al censo*"<sup>7</sup>. Esta cita é utilizada por Turner para indicar o fim do movimento histórico para o Oeste. Nós queremos utilizá-la para salientar algo evidente: a fronteira não só formava parte de imaginário e era objeto das medidas políticas da União, senão que também era uma categoria analítica oficial acompanhada durante um longo período pelos censos; captando estes sua dimensão de processo histórico.

A originalidade de Turner está em ter sistematizado alguma coisa que já estava no imaginário, idéias que formavam parte do cotidiano e que tinham sido recolhidas inclusive pela literatura<sup>8</sup>, e dar-lhe um sentido histórico/ideológico numa conjuntura histórica particular.

Turner atribuiu à fronteira um papel dinâmico, democrático, e nivelador das tensões sociais. De certa forma esta era a explicação de Turner à crise pela qual passava os Estados Unidos. A crise era o resultado, mais ou menos obvio, do fim do processo de avanço da fronteira, como era denunciado pelo censo de 1890. Essa circunstância especial que vivia os Estados Unidos, segundo Hebe Clementi, foi a que converteu a hipótese do historiador americano em aval das teses expansionistas, na que estavam comprometidas as grandes forças financeiras e políticas do país<sup>9</sup>. A justificação do expansionismo ganha nas palavras de Turner a seguinte forma: "*Sería un profeta desacordado quien afirmase que ya ha cesado enteramente*

---

<sup>4</sup>.- Lenin, V. I, "**Op. cit**", pág. 20.

<sup>5</sup>.- Lenin, V. I, "**Op. cit**", pág. 22.

<sup>6</sup>.- Lenin, V. I, "**Op. cit**", pág. 82.

<sup>7</sup>.-Turner, J.F, 'El significado de la frontera en la historia americana', In: Clementi, H, "**Op.cit.**", Pág.44

<sup>8</sup>.- No "**Facundo**", Sarmiento chama a atenção para a similitude entre o poema de Esteban Echeverría, "**La cautiva**" e as obras de Fenimore Cooper "**El último de los Mohicanos**" e "**La pradera**". Encontra resposta a esta similitude na hipótese de que "*Los accidentes de la naturaleza producen costumbres y usos peculiares de estos accidentes, haciendo que donde estos accidentes se repiten, vuelvan a encontrarse los mismos medios de parar a ellos, inventados por pueblos distintos*", Sarmiento, Domingo F. "**Facundo, civilización y barbárie**", Austral, Buenos Aires, 1962, (1era. ed. 1845) págs. 24-25.

<sup>9</sup>.- Cf. Clementi, Hebe, "**Op. Cit.**" pág. 22

*el caracter expansivo de la vida norteamericana ... es evidente que la energía norteamericana seguirá exigiendo un campo mas amplio de acción para su despliegue*"<sup>10</sup>.

Se a conjuntura histórica fez da tese de Turner a versão da história oficial, esta também fez dela uma simplificação excessiva. Mas a transcendência da obra de Turner não se limitou à sua época, nem se restringiu aos Estados Unidos. Muitos historiadores e antropólogos tem aplicado desde então o conceito de fronteira móbil para explicar realidades muito diferentes. Pela origem universalmente conhecida do conceito '*moving frontier*' tudo trabalho a respeito tem um componente comparativo sempre presente na experiência americana, embora muitas vezes de forma implícita.

### **III. Semelhanças e dessemelhanças nas abordagens da fronteira na Argentina e no Brasil**

Segundo Otávio Velho a obra de Turner era praticamente desconhecida no Brasil em 1973 quando ele defendeu sua tese na Universidade de Manchester, na Inglaterra.<sup>11</sup> Embora três artigos, pelo menos, de circulação nos meios acadêmicos, já tivessem chamado atenção para a obra do autor norte-americano. Um foi o pequeno texto da historiadora Maria Yedda Linhares,<sup>12</sup> outro de Nícia Villella Luz,<sup>13</sup> já citado e, por último, um artigo do historiador José Honório Rodrigues.<sup>14</sup> Este representa um caso particular pela adaptação que fez do conceito de fronteira. Rodrigues reconhece duas origens na sua abordagem: a do próprio Turner, ao qual, segundo ele, a historiografia norte-americana deve a libertação do domínio europeu, e a de Walter Prescott Webb que ampliou o conceito de fronteira, dando-lhe dimensão universal. Na perspectiva deste último a fronteira é um fator determinante da moderna civilização ocidental; não sendo os Estados Unidos a única nação que teve acesso a terras devolutas, senão que também existiu uma fronteira européia que incluía aquelas. Uma fronteira composta por três continentes e médio e milhares de ilhas, descobertos por Colombo e os outros navegantes e expedicionários que seguiram a ele. *"Esta fronteira foi tão importante como condição determinante da vida e das instituições européias quanto a fronteira norte-americana na elaboração da história dos Estados Unidos."*<sup>15</sup> Neste contexto José Honório Rodrigues insere seu objeto: D. Henrique, pioneiro desse novo período histórico caracterizado pela abertura da fronteira mundial.<sup>16</sup>

---

<sup>10</sup>.- Turner, F.J., "**Op.cit.**", pág.76

<sup>11</sup>.- Velho, Otávio Guilherme, Velho, Otávio Guilherme "**Capitalismo autoritario e campesinato : (um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento)**", Rio de Janeiro, 1979. Não obstante esta afirmação de Otávio Velho, Hebe Clementi diz que o primeiro país americano -excluídos os Estados Unidos- que instaura o tema da fronteira em uma perspectiva histórica é o Brasil com as obras de: Mário Travassos "Projeção continental do Brasil", (1935) e a de Cassiano Ricardo "Marcha para Oeste"(1940), Cf. Clementi, H., "**Op.cit.**", 1985, pág.174.

<sup>12</sup>.- Linhares, Maria Yedda, 'Um historiador por número: Frederick Jackson Turner', in: "**Boletim de História, Ano I, N 2 e 3**", Rio de Janeiro, 1959.

<sup>13</sup>.- Villella Luz, Nícia, 'F. J. Turner e a tese da fronteira americana. A propósito de The frontier in perspective', in: "**Revista de História**", N° 52, 1963. O artigo trata-se de uma crítica bibliográfica sobre o livro editado por Walker D. Wyman & Clifton B. Kroeber. Esta obra compõe-se de duas partes. Na primeira denominada 'Fronteiras do Mundo', vários autores aplicam as teses de Turner para diferentes períodos históricos e regiões. Uma segunda parte do livro é dedicada à 'Fronteira Americana'.

<sup>14</sup>.- Rodrigues, José Honório, 'D. Henrique e a abertura da fronteira mundial', Coimbra, 1961, Separata da "**Revista Portuguesa de História, vol. IX**"

<sup>15</sup>.- Rodrigues, J.H., "**Op. cit.**", pág. 6.

<sup>16</sup>.- Nesta perspectiva que considera as terras descobertas e colonizadas como parte das fronteiras da Europa, podemos incluir a "era dos impérios", como uma segunda fase histórica da expansão das fronteiras da Europa. A divisão internacional do trabalho pode ser vista como o prolongamento territorial europeu. Grandes partes do mundo sendo incorporadas para produzir os consumos e insumos europeus não fazem outra coisa que cumprir a função de ser prolongações dos campos esgotados (nos dos sentidos: o de cansano do solo e enexistência de terras livres).

Ainda que a obra do historiador da fronteira fosse pouco conhecida no Brasil, o fenômeno da fronteira interna ou fronteira econômica já tinha sido percebido por alguns estudiosos da expansão brasileira. Na "Formação econômica do Brasil Contemporâneo", Caio Prado percorre a história do atual território brasileiro, utilizando como critério analítico a incorporação de cada uma das regiões, através de atividades produtivas. Desta forma depois de ser ocupada a costa -primeiro com a extração do pau brasil, e posteriormente com o cultivo do açúcar- foi ocupado o centro sul com a mineração e o nordeste com a pecuária. Esta mesma atividade levou com o tempo a o povoamento de Rio Grande do Sul. A ocupação do território brasileiro na visão de Caio Prado assemelha-se ao que na análise de Braudel é chamado de *concentração em forma de corais*.<sup>17</sup> Consta-nos que Caio Prado conhecia a obra do historiador norte-americano, mas não a achava pertinente para explicar algumas particularidades do Brasil.<sup>18</sup>

Gilberto Freyre também utilizou o conceito de fronteira, só que o fez explicitamente em algumas passagens de "*Casa-Grande & Senzala*" e sobretudo em "*Interpretação do Brasil*" onde dedica um capítulo à dualidade fronteira/plantação para acompanhar outra, a da mobilidade/sedentarismo, protagonizada por dois tipos sociais diferentes, os fundadores horizontais e verticais, respectivamente. Opondo, como na interpretação turneriana, interior e litoral.<sup>19</sup> Na historiografia argentina a teoria da fronteira pecuária, com pontos em comum com a interpretação de Caio Prado, foi desenvolvida desde a década de 1960. Tendo a mesma um permanente argumentador na pessoa do historiador Roberto Cortés Conde -sobre quem voltaremos depois.

Si fizéramos uma comparação das abordagens textuais do fenômeno fronteira, dos estilos de vida, etc., acharíamos muitas coincidências, devido a que a ocupação territorial do que viria a ser o Brasil, graças a essa ocupação, foi uma parte constitutiva e substancial de sua história. Embora o conceito de fronteira não sistematizou os estudos antes da divulgação dos trabalhos de Turner. As obras de Cassiano Ricardo e Mário Travasso, resgatadas por Hebe Clementi como originais na sua percepção histórica da fronteira, contextualizariam de certa forma a particularidade de uma teorização tardia, em termos comparativos à fronteira americana.

A fronteira no Brasil é um fato histórico que tem sido percebido e analisado. Um espaço preferencial da produção bibliográfica ocupam-no as bandeiras e seus protagonistas, os bandeirantes.

Parece uma tarefa difícil separar fronteira de bandeiras, mas é necessário fazê-lo. O avanço da fronteira no século XIX pouco tem a ver com as penetrações dos bandeirantes dos séculos XVI-XVIII, pertencem a processos históricos diferentes, a interesses diferentes. Em menos de um século, diz Braudel, os aventureiros de São Paulo percorrem **sem tomar**, metade do continente.<sup>20</sup> É claro, que o que Monbeig chama de psicologia bandeirante, tem sua origem nesse mito em torno das bandeiras. Estas transformaram-se no perfeito 'mito de criação' dos

---

<sup>17</sup>.- Fernand Braudel diferencia duas formas de se agruparem e expandirem os grupos humanos: uma a *mancha de óleo* e a outra, a já mencionada, *concentração em forma de coral*. Cf. Braudel, Fernand, "**Civilização material, economia e capitalismo. Séculos XV-XVIII**", Martins Fontes, São Paulo, 1995 (1era. ed. 1979). Esta seria também a forma que adotou a fronteira no Brasil onde "*...não é uma linha ou um limite ou um avanço da civilização, ou um processo unilateral ou unilinear. Devemos na verdade falar não de uma fronteira mas de experiências, transações e mutações de fronteiras múltiplas e complexas. Não podemos fixar nenhuma linha entre homem branco e índio, civilização e primitivismo, áreas ocupadas e não ocupadas, postos avançados imperiais e comunidades autônomas. A ocupação ocorreu e ainda ocorre em um padrão de arquipélago.*" Morse, Richard, "**The bandeirantes; the historical role of the brazilian pathfinders**", Alfred A. Knopf, New York, 1967, citado em Velho, Otavio, "**Op. cit.**", pág.114.

<sup>18</sup>.- Prado Jr., Caio, "**Formação do Brasil Contemporâneo**", Brasiliense, São Paulo, 1992 (1era. Ed. 1942), pág. 27.

<sup>19</sup>.- Cf. Freyre, Gilberto, "**Interpretação do Brasil. Aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas**", Livraria José Olympio, São Paulo, 1947, págs, 91-94.

<sup>20</sup>.- Braudel, F., "**Op.cit**", pág. 82.

fazendeiros pioneiros do Oeste Paulista do século XIX; mas estes a diferença daqueles tomam o território, literalmente apropriam-se dele.

A obra de Cassiano Ricardo tem que ser colocada em um lugar de destaque dentro das que procuram achar a continuidade entre o bandeirismo do séculos XVII e XVIII e as penetrações no planalto paulista no século XIX. Este autor é chamado por Otávio Velho como "*um Turner autoritário*", e propõe esquematizar suas principais idéias para clarificar a relação ideológica entre autoritarismo e fronteira.<sup>21</sup> A obra de Cassiano Ricardo inscreve-se no programa "*Marcha para Oeste*" do governo Vargas. No último ponto do livro "*Marcha para Oeste*" sugestivamente chamado "*O verdadeiro sentido da brasileirade está na marcha para Oeste*", Ricardo expressa que,

*"... o novo regime tem parentesco muito próximo com o que o grupo social histórico da conquista nos havia indicado, embora em caráter rudimentar. O governo forte não é uma novidade para o nosso país pois nasceu com a bandeira... retomando o fio histórico da civilização brasileira, a Constituição de 10 de novembro reata, finalmente, o espírito bandeirante interrompido no século XIX e tão deturpado pela dialética do litoral."*<sup>22</sup>

Retomando neste último ponto, a hipótese turneriana de um Leste voltado para Europa e um Oeste verdadeiramente americano, ou brasileiro neste caso.

A originalidade de Ricardo consiste em elaborar um conceito, o conceito de 'bandeirismo', conceito com o qual pode-se interpretar toda a história do Brasil.

Para começos do século XIX Cassiano Ricardo percebe que o bandeirismo parece extinto. Indica dois motivos: o sedentarismo agrícola e a população que lhe interrompem o fio histórico. Mas, ao mesmo século XIX, adjudica o fato de reviver a bandeira, embora em outros horizontes culturais. Desta forma os desbravamentos dos sertões para a cultura do café formam parte desse fio histórico de que ele fala, então só momentaneamente interrupto. "*A conciliação do bandeirismo com a propriedade imobiliária só podia ser feita através de uma cultura agrícola tão rica de mobilidade, como a do café.*"<sup>23</sup> O autor não obstante chama a atenção para a diferença entre o bandeirismo do século XIX e o dos séculos precedentes.

Na historiografia argentina não existe um autor que possa ser colocado ao lado de Cassiano Ricardo. Um autor que conceptualisse a experiência da fronteira e que dê um sentido histórico a essa experiência. O "Facundo" de Sarmiento pode ter uma leitura que nos permita entender a fronteira a partir da *barbárie*, mas o conceito não é o de fronteira senão o da *barbárie* no cenário pampeano. Alias o sentido, na obra de Sarmiento, esta invertido. Para Ricardo o binômio é: *civilização nacional/litoral europeu*, sendo o primeiro o componente dinâmico, civilizador e positivo. Para Sarmiento o binômio é: *civilização européia/barbárie criolla*, onde obviamente o primeiro dos termos é o civilizador.

Podem-se destacar alguns autores da segunda metade do século XIX que estudaram intensamente o tema da fronteira sul como também das outras fronteiras<sup>24</sup>. Entre eles Estanislao Zeballos, Álvaro Barros, Lucio Mansilla e Adolfo Alsina. Também a primeira metade do século deixou obras importantes sobre a fronteira. Na realidade a produção bibliográfica sobre a fronteira acompanha as inquietudes dos diferentes governos nacionais desde 1810, embora como diz Pedro De Angelis, os governos sempre estiveram mais preocupados em pedir projetos aos especialistas que em realiza-los.<sup>25</sup>

A diferença entre a obra destes autores - tanto os da primeira metade do século XIX, como os da segunda - e a de Ricardo, é que as dos autores argentinos tem a forma de

<sup>21</sup>.- Cf. Velho, Otávio G., "**Op.cit.**", pág. 141.

<sup>22</sup>.- Ricardo, Cassiano, "**Marcha para oeste. (A Influência da bandeira na formação social e política do Brasil)**", Editora da USP Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1970, Vol 2., pág. 648.

<sup>23</sup>.- Ricardo, Cassiano, "**Op.cit.**", pág. 550.

<sup>24</sup>.- As outras fronteiras do século XIX são: a Norte, fronteira com os chiriguanos, a fronteira da área contígua ao Chaco, e a fronteira do Oeste, Mendoza e San Luis.

<sup>25</sup>.- García, Pedro A. "**Diario de un viaje a Salinas Grandes, en los campos del Sud de Buenos Aires**", Eudeba, Buenos Aires, 1974 (Con discurso preliminar de Pedro De Angelis, 1era. ed. 1836)

diagnóstico, ou projeto sobre um fenômeno contemporâneo a eles. Resumidamente o que guia todos esses autores é uma mesma inquietude, como resolver o 'problema' indígena. Por outra parte, não têm a intenção de integrar a história do país a partir de um conceito ou uma experiência histórica determinada.

Em 1877, Alsina apresentou um projeto de lei com um vasto informe sobre a fronteira. Nesta obra o autor chama a atenção para o problema da fronteira e o lugar que esta ocupa nos debates públicos, adjudicando a falta de solução à interesses políticos, afirmando que, "*La cuestión llamada fronteras es una de aquellas sobre las que mas se ha hablado, y, no obstante es una de las menos comprendida*".<sup>26</sup> A afirmação de Alsina de que a questão da fronteira é uma das que mais tinha-se falado é certa. Sobretudo na década de 1870 aparecem muitos folhetos, artigos, livros e tudo tipo de informe ao respeito. Mas, depois da campanha militar do General Roca (1879-80) que deu fim ao que se chamou o *problema indígena*, e quando, de fato a fronteira de Buenos Aires desapareceu, assegurando milhares de léguas para a produção agropecuária, a temática da fronteira também desaparece do palco sem avaliações significativas sobre aquela experiência<sup>27</sup>. Só a literatura retomará o tema.

Os deslocamentos mais importantes da fronteira de Buenos Aires ocorreram no século XIX, com as duas *campañas al Desierto*, a de Rosas em 1833, e principalmente, com a de Roca em 1880. Mas é importante mencionar que entre estas duas '*campañas*' se produzem uma série de artigos, matérias em jornais, livros e pesquisas empíricas, que tentaram dar conta do problema da fronteira e inclusive aportar soluções. Muitas das quais não tinham nada em comum com a dada por Roca, o extermínio do índio. Pensava-se em na resolução que eles chamavam do 'tipo americano', fazer povoados, levar ferrovias, atrair e 'civilizar' ao índio. Tal é, por exemplo, o projeto de Alsina, Ministro da Guerra, que propõe sucessivas linhas de avançada sobre lugares estratégicos, mas Alsina morreu em 1877 sem terminar sua obra e o presidente Avellaneda confiou a tarefa a Roca.

Vamos ver duas das opiniões anteriores à *campaña* que refletem um pouco o conflito interno, as diferentes posturas, que estavam em jogo. Opiniões discordantes com Roca, que era hostilizar aos índios continuamente com tropas de grande mobilidade e que coincidiam entre si em ter como modelo de fronteira indígena a fronteira dos Estados Unidos.

A diferença entre os Estados Unidos e a Argentina radica, segundo Alsina, em que,

*"...el congreso de los Estados Unidos discute las reglamentaciones que tienen que observar el gobierno en sus relaciones pacíficas con las tribus, con la misma solemnidad con que discute un tratado de paz con Gran Bretaña"*<sup>28</sup>

O que queremos salientar é que se bem a fronteira como 'clave interpretativa' esteve ausente no período pós-turner, no período anterior ela é apresentada como 'o problema', sobretudo na província de Buenos Aires. O que coloca maiores interrogantes sobre a falta de trabalhos que avaliem o resultado do fim da fronteira de forma turneriana.

---

<sup>26</sup>.- A finais de outubro de 1872 o governo tinha encarregado a vários engenheiros um estudo das linhas de fronteira, pedindo a realização de planos topográficos. Em 1873 os engenheiros entregaram seus informes que formam parte da obra de Alsina. Alsina, Alfonso, "**La nueva línea de fronteras. Memoria especial presentada al Honorable Congreso Nacional por el Ministro de la Guerra**", Porvenir, Buenos Aires, 1877, pág. 38. Cabe mencionar que não é nossa intenção analisar à exaustidão os documentos sobre a fronteira. Só citamos os mais representativos por seu caráter geral, ou pela importância que seus autores tiveram na discussão do problema.

<sup>27</sup>.- No Mensaje Presidencial do ano 1881 Julio Argentino Roca anuncia o fim da alienação das terras incorporadas da forma em que se vinha fazendo, sem conhecimento técnico das mesmas e diz que, a anterior alienação só se justificava pelas circunstâncias que rodeavam ao erário público quando se resolveu **concluir** com os índios do Pampa. E estima a quantidade de hectares incorporados em qualidade de Territórios Nacionais em uns 10.377.500, nesta conta não considera as terras públicas das províncias. Mabragna, H. "**Los Mensajes. Historia del desenvolvimiento da la Nación Argentina relatada cronologicamente por sus gobernantes (1810-1910). Tomo IV, 1881-1890**", Compañía Argentina de Fósforos, Buenos Aires, 1910, págs.12-13.

<sup>28</sup>.- Alsina, Adolfo, "**Op. cit**", pág.43.

Para perceber a importância que teve a fronteira na vida política do século XIX é só lembrar que o governo de Martín Rodríguez esteve marcado por uma campanha 'pacificadora', o segundo governo de Juan Manuel de Rosas, no qual obteve a suma do poder público, esteve precedido por uma campanha militar na fronteira sul, do mesmo modo que a presidência de Julio Argentino Roca. O redito político de ser o 'pacificador', e garantir terras, era indiscutível. Neste sentido não podemos falar de desinteresse, ou ausência de conseqüências com respeito ao tema da fronteira uma vez que esta foi assegurada. A falta que notamos é, a de uma síntese que analise esse fenômeno, da mesma forma que antes de 1880, quando se interpretava o atraso da Argentina desde o ponto de vista da falta de segurança de suas fronteiras internas.

Como é afirmado na 'Advertência' de "Tierras Nuevas. Expansión territorial y ocupación del suelo en América (siglos XVI-XIX)", a questão da terra esteve, e está, presente em muitos trabalhos preocupados com as problemáticas de América Latina, mas para as décadas de 60 e 70 a "...ocupação, utilização e o povoamento das terras novas, das terras de fronteira, constituem um campo relativamente novo e apenas explorado na história econômica e social de América Latina".<sup>29</sup>

A questão da terra em América Latina está relacionada com as formas da expansão territorial. Há uma coisa que tem que ser esclarecida, embora terra e fronteira estão estreitamente vinculadas, isto não quer dizer que tenham sido tratados em forma conjunta pela historiografia. Antes da década de 1960 os estudos históricos argentinos que se ocuparam da propriedade da terra e das terras públicas o fizeram sobretudo desde o ponto de vista institucional. Isto é, da legislação sobre terras e de como esta favoreceu a especulação. Dentre as obras que se inscrevem neste enfoque interpretativo encontramos as de Miguel Ángel Cárcano, Ricardo Ortíz e Jacinto Oddone, entre outros.<sup>30</sup>

Na década de 60, como dizemos, apareceram alguns trabalhos que tiveram como inspiradoras às idéias de Frederick Jackson Turner. No IV Congresso Internacional de História Econômica foi apresentado um conjunto de trabalhos (na seção viii que tinha como título "*Ocupación del suelo, poblamiento y frontera*") que se referiam à expansão territorial de diferentes países de América Latina. Experiências que variavam no espaço e no tempo. Reuniram-se em uma coletânea artigos sobre Chile, Peru, México, Venezuela e Argentina.<sup>31</sup>

Na obra mencionada, três artigos tratam da fronteira argentina. Em seu conjunto analisam o processo de avanço da fronteira na região pampeana entre 1810 e 1910.<sup>32</sup> Outros trabalhos, inclusive dos mesmos autores, utilizam o conceito de 'fronteira' como chave interpretativa da expansão, da ocupação produtiva e do povoamento. Na década de 80 apareceu uma obra que, embora seja de história americana, renovou e influenciou os trabalhos na área, referimo-nos à da historiadora Hebe Clementi já citada.

#### **IV. Fronteiras do século XIX**

É oportuno fazer uma pergunta. O movimento das fronteiras é um fenômeno dos séculos XVIII e XIX? Obviamente não. Muitos povos passaram por fases expansionistas e estenderam suas fronteiras em proveito próprio, fazendo-o em prejuízo do território de outros povos ou em terras despovoadas. A particularidade do movimento de fronteiras dos séculos XVIII e XIX é que este acontece no desenvolvimento capitalista e como conseqüência deste.

---

<sup>29</sup>.- Jara, Alvaro, (comp.) "**Tierras Nuevas. Expansión territorial y ocupación del suelo en América (siglos XVI-XIX)**", El Colegio de México, México, 1969, pág. IX.

<sup>30</sup>.- Cárcano, Miguel Ángel, "**Evolución histórica del régimen de la tierra pública**", Eudeba, Buenos Aires, 1968 (1era. edição 1917); Ortíz, Ricardo, "**Historia Económica de la Argentina**", Raigal, Buenos Aires, 1955; Oddone, Jacinto, "**La burguesía terrateniente argentina**", Liberia, Buenos Aires, 1975, (1era. ed. 1930).

<sup>31</sup>.- Cf. Jara, Alvaro, (comp.) "**Op. cit.**"

<sup>32</sup>.- Os três artigos são os de: Halperín Donghi, Tulio, 'La expansión de la frontera de Buenos Aires (1810-1852)'; Gallo, Ezequiel, 'Ocupación de tierras y colonización agrícola en Santa Fe (1870-1895)'; Cortés Conde, Roberto, 'Patrones de asentamiento y explotación agropecuária en los nuevos territorios argentinos (1890-1910)', In: Jara, Alvaro, "**Op. cit.**".

Segundo Fernand Braudel "...*todo está ligado ao número, às oscilações da massa dos homens.*" O autor registra três períodos de aumento da população em ocidente: o primeiro, entre 1100 e 1350; o segundo entre 1450 e 1550; e, o último, a partir de 1750. Os dois primeiros são seguidos de regressões, enquanto o último não conhece retrocesso algum. Mas não só no ocidente a população experimenta esse aumento, também na Rússia, na China, na América hispano-potuguesa, etc. Assim a ocupação dos espaços vazios do globo estão ligados a esses aumentos populacionais, sobretudo no século XVIII. "*Todos os países do mundo estão se colonizaram a si próprios.*"<sup>33</sup>

Não muito longe desta hipótese, Pierre Monbeig reconsidera, ao abordar as condições históricas em que se fez o avanço para o Oeste Paulista, a idéia de 'vantagens' ou 'possibilidades ilimitadas' de uma zona pioneira. Toda a listagem de virtudes que podem encontrar-se numa área nova, fertilidade do solo, acesso à terra, etc., só convertem-se em tais se responderem às necessidades dos pioneiros.<sup>34</sup>

Ambos reconhecem como critério do avanço a necessidade, sem ela o homem não teria penetrado nos espaços inóspitos, desérticos, selváticos, gelados, etc. como o fez nos séculos XVIII e XIX. Mas não é só a necessidade no sentido de pressão da população nas fronteiras, o que as mobiliza. Embora a precondição indiscutida é o aumento populacional da região que está sendo ocupada e, principalmente, dos países demandantes de matérias primas e alimentos o que mobiliza a ocupação. Muitas das fronteiras do século XIX, como a do Oeste Paulista, ou Sul da província de Buenos Aires, não são fronteiras de subsistência, não tem como protagonistas a unidades familiares em procura de espaço para cultivar. O aumento universal da população garantiu um mercado lucrativo e em expansão para o café e os cereais.

Podemos afirmar que o avanço da fronteira do Oeste Paulista e a do Sudeste bonaerense pertencem a um mesmo processo histórico: o da incorporação destes países ao mercado internacional. Tanto o Brasil como a Argentina já participavam do comércio internacional antes de meados do século XIX. Brasil tinha conhecido o auge da economia açucareira e a Argentina a da exportação de couros e outros subprodutos pecuários.<sup>35</sup> Mas a aceleração do processo capitalista nos países centrais colocou os produtos destes países em uma situação vantajosa, desde o ponto de vista da demanda. Os cereais, sobretudo o trigo estava nas mesas européias desde muitos século atrás. Ele era um produto tradicional e quase insubstituível da dieta operária. O café, que tinha ingressado no século XVI na Europa, foi ganhando espaços dentro dos consumos alimentares até converter-se num artigo de primeira necessidade no século XIX.

Temos duas fronteiras bem definidas desde o ponto de vista dos tipos de exploração econômica que se desenvolveram nelas. Em primeiro lugar vamos descrever brevemente como foi percebido o caso da fronteira cafeeira, e depois o da fronteira pecuária/agrária pampeana.

---

<sup>33</sup>.- Braudel, Fernand, "**Op.cit**", pág. 35. Baseado num mapa do etnógrafo Gordon W. Hewes, que divide o mundo de 1500 em 76 compartimentos de acordo com as seguintes categorias: 1) povos primitivos coletores, pescadores; 2) nômades e criadores de gado; 3) povos de agricultura deficiente (culturas) e 4) civilizações. Neste quadro, as civilizações dominam às culturas, e algumas vezes as primeiras são dominadas pelos barbaros, mas ainda neste casos elas não perdem totalmente porque os barabros são aculturados no processo de conquista. Os território por nós analisados, enquadram-se no que ele denomina "conquista de espaços". "*No Brasil o português aparece, e o índio primitivo retai-se: cede o seu lugar. É quase o vazio que as bandeiras paulistas enxameiam*" (...) *Na Argentina e sobretudo no Chile, as coisas serão mais difíceis... Na realidade, o que está em causa é uma conquista não de homens (serão aniquilados), mas de espaço.*", pág. 82-84.

<sup>34</sup>.- Monbeig, Pierre, "**Op.cit.**", pág. 93.

<sup>35</sup>.- "...durante a primeira metade do século XIX os couros nunca constituíram menos de 60% do total das exportações... O resto estava constituído em boa parte por exportações complementares dos couros...", Halperín Donghi, Tulio, 'La expansión ganadera en la provincia de Buenos Aires (1810-1852)', In: Di Tella, Torcuato & Halperín Donghi, Tulio, "**Los fragmentos del poder**", Jorge Alvarez, Buenos Aires, 1969.



### V. A *fronteira do café*

Segundo Antônio Barros de Castro, o que caracteriza o ciclo cafeeiro é a sua grande mobilidade, sendo esta característica a chave para a interpretação do significado desta lavoura na história econômica brasileira. Ele fala em cultura itinerante. Esta lavoura determinaria a existência de três regiões produzindo simultaneamente mas com grandes diferenças entre elas. As regiões são: *“Uma faixa ou zona pioneira, onde o café está penetrando. Uma região em que ele se encontra consolidado e plenamente produtivo. Uma decadente, onde a cultura se encontra em regressão.(...) o primeiro requisito do café em expansão seria, naturalmente, uma ampla disponibilidade de terras por ocupar”*.<sup>36</sup>

A história das diferentes regiões pelas quais passou o café em seu caminho para o Oeste Paulista -em uma visão quase teleológica- tem sido narrada muitas vezes por diferentes autores, nós vamos reiterá-la, neste caso seguindo a Caio Prado. O café começou a ser cultivado no estado de Rio de Janeiro, nos arrabaldes da cidade. *“Seu ponto de partida será na vizinhança próxima do litoral. As montanhas que circundavam a cidade do Rio de Janeiro... Para o sul do Rio de Janeiro onde a serra que aqui acompanha o litoral se aproxima do mar até mergulhar diretamente nele, os cafezais lhe vão revestindo a encosta”*<sup>37</sup> Mas, nestas primeiras experiências o destino é sobretudo o consumo interno, e em muitos casos inclusive, o consumo interno, às fazendas. Depois ele estendeu-se para o vale de Paraíba, já sendo produzido em maior escala. Os cultivos faziam-se na área costeira, numa região cujo relevo é de fortes declives, pelo qual, as rudimentares técnicas do cultivo erodiram rapidamente o solo. Daí a grande mobilidade do café descrita por Castro, sua causa: o esgotamento da terra depois de ficar exposta nua à ação da natureza. Quando o café chega ao planalto paulista, uma região mais plana, ainda com a utilização das mesmas técnicas, o solo não é desgastado tão rapidamente pela ação dos agentes naturais como no caso das serras. Como consequência a fronteira do Oeste Paulista será mais estável. Desta forma vemos que a sucessão das três regiões não implica períodos de produção semelhantes.

### V. A *fronteira pecuária e sua transformação em agrícola*

No caso argentino a fronteira tem uma história que podemos qualificar como mais institucional. O período mais remoto da fronteira da província de Buenos Aires, nos leva até meados do século XVIII quando foram criadas três reduções jesuítas além do rio Salado. Mas esta experiência dos missionários foi muito breve para deixar uma marca perdurável. Nas últimas décadas do século XVIII, quando se cria o vice-reinado do Rio da Prata, a fronteira é levada até o rio Salado. E ali permaneceria por mais de trinta anos.

Num processo muito complexo a fronteira sul da província de Buenos Aires passou por sucessivas etapas de consolidação que podemos sintetizar em três: 1) fronteira militar, 2) pecuária e 3) agrícola. Estas três não só sucedem-se, senão também se superpõem.

Como já foi mencionado, no fim da década de 1960 apareceram alguns trabalhos que centraram-se na fronteira como chave interpretativa da história econômica argentina, embora só se referissem à província de Buenos Aires ou, genericamente à região pampeana onde podem incluir-se alguns trabalhos sobre Santa Fe. A fronteira, como realidade particularizante já tinha sido percebida sobretudo na sua dimensão militar.

Voltemos então à descrição desse avanço da fronteira. Segundo Halperín Donghi o deslizamento da fronteira até o rio Salado durante a colônia deveu-se a um esforço régio que queria manter segura a capital do recente vice-reino, já que os colonos não tinham interesse nessas terras ao sul de Buenos Aires. Depois da independência os esforços foram cada vez maiores; porque como diz Socolow, as províncias argentinas independentes, eram mais dependentes das exportações de couros que no período colonial. Por este motivo começa a organizar-se a defesa. Neste contexto, em 1819 os *'estancieros'* de gado bonaerenses

---

<sup>36</sup>.- Castro, Antônio Barros de, *'A herança regional no desenvolvimento brasileiro'*, In: **"7 ensaios sobre a economia brasileira"**, Forense, Rio de Janeiro, 1971, pág.50.

<sup>37</sup>.- Caio Prado, Junior, **"História econômica do Brasil"**, Brasiliense, São Paulo, 1985, pág. 123, (1era. ed. 1945).

organizaram a 'Sociedad de Labradores y Hacendados' usando os trabalhadores como exército móbil. Durante o governo de Martín Rodríguez realizaram-se incursões no território indígena baseadas no modelo colonial descrito por García.<sup>38</sup> Em 1817 havia-se criado o primeiro povoado ao sul do Salado. A partir de 1820 se praticou uma política mais ativa. Entre 1825 e 1828 se procede a uma expedição de reconhecimento e a completar o sistema de fortes. Esta fronteira fica consolidada com a *Campaña del Desierto* que Juan Manuel de Rosas realiza em 1833. O autor conclui deste processo que, se em meio às crises políticas constantes conseguiu-se manter este avanço deveu-se a que, esta é uma necessidade universalmente sentida em Buenos Aires. Essa necessidade responde a que Buenos Aires encontrou nos seus campos, nos seu gado, a fonte duma nova prosperidade<sup>39</sup>. Esta é a etapa que temos denominado de 'militar', devido a que, se bem que a fronteira começa respondendo a critérios de segurança e acaba sendo uma resposta à pressão de alguns grupos sobre a terra, ela se mantém sobretudo graças à presença militar (fortes e campanhas) ou aos pactos e alianças com os chefes indígenas feitos por Rosas, e antes dele por Martín Rodríguez.

Seguindo com Halperín, este autor afirma que, o livre comércio pós-revolução implicou um aumento dos preços dos produtos pecuários, mas que este não foi o estímulo mais importante senão a causa deste aumento: a ampliação da demanda.

A fronteira da primeira metade do século XIX, caracteriza-se por estar composta pelos seguintes elementos: uma linha de fortes, estancias cumprindo as funções dos povoados (centro econômico, político e social), criação de gado visando a exportação e, um importante comércio inter-étnico. A segunda metade deste século terá dois novos elementos em jogo: a agricultura e os povoados. Mas antes disto acontecer, a fronteira é uma fronteira pecuária, não porque não existisse agricultura, senão porque os interesses a proteger eram os dos *estancieros* e, portanto a necessidade de terras era para satisfazer-los. Os interesses pecuaristas não só estavam garantidos pelo pretendido monopólio da terra, senão também pelo desposando dos pequenos agricultores, o que permitia contar também com mão-de-obra.

Quando na historiografia argentina se fala em fronteira pecuária está-se fazendo referência a uma bibliografia específica. Pode-se fazer referencia a Halperín Donghi, e sua hipótese sobre as transformações imediatas à independência, quando a Banda Oriental e Entre Ríos viram-se conturbadas pela guerra e distúrbios gerais, o que levou a que a fronteira sul de Buenos Aires tivesse um papel predominante na produção de gado ou, a Cortés Conde, que afirma que a fronteira expandiu-se como conseqüência do crescimento vegetativo do gado<sup>40</sup>. Mas num momento determinado a fronteira deixou de ser quadrúpede para transformar-se em uma fronteira agrícola. Isto aconteceu nas últimas décadas do século XIX e nos começos do XX. O regime de propriedade da terra não mudou, mas a produção sofreu grandes transformações. O trigo, aparece como o indicador de um processo de modernização que tem a ver com o consumo e o mercado. O trigo é o agente modernizador da campanha bonaerense.

## CONCLUSÃO

Diferentes fatores contribuíram para as espetaculares colheitas de café e de trigo: abundante mão-de-obra; tecnologia e sobretudo abundantes terras. Apesar da grande expansão nem na Argentina, nem no Brasil isto trouxe a subdivisão das grandes propriedades. Embora comparativa e relativamente esta aconteceu mais no primeiro caso que no segundo. Mas isto tem a ver mais com o tipo de produção que com o resultado de políticas tendentes a consegui-lo.

---

<sup>38</sup>.- Socolow, Susan, 'Los cautivos españoles en las sociedades indígenas: el contacto cultural a traves de la frontera argentina', In: "**IHES, N2**", 1987, Tandil, págs. 99-136. Sobre a dependência da pecuária para as províncias independentes já foi citado anteriormente Túlio Halperín Donghi.

<sup>39</sup>.- Halperín Donghi, Tulio, "**Op.cit.**" (1969)

<sup>40</sup>.- Halperín Donghi, Túlio, 'La expansión ganadera en la provincia de Buenos Aires (1810-1852)', In: Di Tella, T. & Halperín Donghi, T. "**Los fragmentos del poder**", Ed. J. Alvarez, Buenos Aires, 1969, págs. 24-35; Cortés Conde, R. , 'Patrones de asentamiento y explotación agropecuaria en los nuevos territorios argentinos (1890-1910)', In: Jara, A, "**Op. cit.**"

Enquanto o café requeria de grandes investimentos, primeiro para o desbravamento e depois para o plantio, aliás do tempo de espera para a primeira colheita, o trigo era uma cultura muito mais “econômica”. Em primeiro lugar a preparação do solo pampeano, uma planície de pastos duros ou ternos dependendo da zona, não era nem tão trabalhosa nem tão custosa como no caso do oeste paulista<sup>41</sup>. A pesar do que diz Cortés Conde: *"Só quando os campos quedaram limpos, depois de pastar os vacuns, poderão começar os trabalhos agrícolas. Existiu logo um custo inicial para o agricultor, o de preparar a terra modificando a vegetação pampeana. Isto requeria um custo alto em tempo e trabalho, ou um capital em gado, que faria a limpeza."*<sup>42</sup> Mas isto implicou um baixo custo para aqueles que contavam com gado, o seja os tradicionais *terratenientes* pecuaristas. Muito diferente foi para o colono, mas lembremos que o sistema de colônias, que teve tanta difusão em Santa Fe e inclusive em Córdoba, não foi o sistema predominante na fronteira do sul da província de Buenos Aires. Aqui a forma prevalecente de acesso à terra foi a traves do arrendamento. Com este se difundiu o método do cultivo *combinado* pelo qual o arrendatário tinha que mudar cada três seus cultivos, o melhor a área cultivada, dentro das terras do proprietário, deixando em cada mudança as terras semeadas com pasturas para o gado. A acumulação de capital previa à agricultura cerealífera proveio das atividades pecuaristas e comerciais.

Para o colono que ia para a Argentina sem nada, os custos em semente, ferramentas, preparação da terra, eram altos. De forma que quase sempre começava endividado.

Os custos iniciais da lavoura cafeeira implicaram uma acumulação de capital prévio que nos remete a começos do século XIX com o incremento da lavoura açucareira e o comércio de animais. Como tem demonstrado Perissinotto, o grande capital cafeeiro resumia-se a um reduzido número de famílias e estas extraíram sua capacidade de investimento de sua origem rural, pela lavoura canavieira e mercantil pela comercialização de animais, escravos e açúcar.<sup>43</sup>

As experiências de parceria da segunda metade do século XIX no Brasil são bem conhecidas, como também a experiência do colonato. Da mesma forma que os sistemas argentinos de colônias e de arrendamento. Destas formas peculiares de acesso limitado à terra nos dois casos podemos concluir que, si por um lado a fronteira de Turner é democrática/incluinte, com todas as limitações que salienta o Lenine, a fronteiras pampeana bonaerense e paulista são tudo o contrario, são fronteiras excluientes. Uma exclusão renovada, não a velha exclusão dos períodos precedentes, senão a exclusão da fronteira, das novas terras, das novas oportunidades para uns pucos. Para que isto acontecesse intervieram também novos fatores, aliás do já mencionado capital inicial necessário para as empresas agrícolas. Esses foram: disponibilidade de terra por uma parte e limitações a seu acesso pelo outro e disponibilidade de grande quantidade de mão-de-obra assalariável proveniente de ultramar. A limitação ao acesso à terra esteve condicionado também pelo monopólio do acesso aos mecanismos legitimadores da propriedade fundiária.

## **Bibliografia**

---

<sup>41</sup>.- Antes que o trigo conquistara os pampas, as ervas européias já o tinham feito. Segundo Alfred Crosby ervas, *"... na moderna linguagem botânica, refere-se a qualquer planta que se espalha com rapidez e derrota outras"*, o mesmo diz que a usurpação da biota nativa do pampa começou no final do século XVI quando animais trazidos da Europa pelos conquistadores prosperaram enormemente e transformaram para sempre a flora autoctone. O processo de transformação do solo, processo que criaria as condições para o desenvolvimento da agricultura para finais do século XIX levou três séculos. Ver Alfred Crosby, **"Imperialismo ecológico. A expansão biológica da Europa: 900-1900"**, Companhia das Letras, São Paulo, 1993, pág. 136.

<sup>42</sup>.- Cortés Conde, Roberto, **"La economía Argentina en el largo plazo. Siglos XIX y XX"**, Sudamericana, 1997, pág. 61.

<sup>43</sup>.- Perissinotto, Renato Monseff, **"Frações de classe e hegemonia na primeira República em São Paulo"**, Universidade Estadual de Campinas, Discertação, 1991, pág. 49.

Alsina, Alfonso, **"La nueva línea de fronteras. Memoria especial presentada al Honorable Congreso Nacional por el Ministro de la Guerra"**, Porvenir, Buenos Aires, 1877.

Braudel, Fernand, **"Civilização material, economia e capitalismo. Séculos XV-XVIII"**, Martins Fontes, São Paulo, 1995.

Cárcano, Miguel Ángel, **"Evolución histórica del régimen de la tierra pública"**, Eudeba, Buenos Aires, 1968 (1era. edición 1917).

Castro, Antônio Barros de, **'A herança regional no desenvolvimento brasileiro'**, In: **"7 ensaios sobre a economia brasileira"**, Forense, Rio de Janeiro, 1971.

Clementi, Hebe, **"J.F. Turner"**, Centro Editor de América Latina, Buenos Aires, 1992.  
-----, **"La frontera en América, Vol. 1"**, Leviatan, Buenos Aires, 1985.

Cortés Conde, Roberto, **"La economía Argentina en el largo plazo. Siglos XIX y XX"**, Sudamericana, 1997.

Crosby, Alfred **"Imperialismo ecológico. A expansão biológica da Europa: 900-1900"**, Companhia das Letras, São Paulo, 1993.

Freyre, Gilbeto, **"Interpretação do Brasil. Aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas"**, Livraria José Olympio, São Paulo, 1947.

García, Pedro A. **"Diario de un viaje a Salinas Grandes, en los campos del Sud de Buenos Aires"**, Eudeba, Buenos Aires, 1974 (Con discurso preliminar de Pedro De Angelis, 1era. ed. 1836).

Halperín Donghi, Tulio, **'La expansión ganadera en la provincia de Buenos Aires (1810-1852)'**, In: Di Tella, Torcuato & Halperín Donghi, Tulio, **"Los fragmentos del poder"**, Jorge Alvarez, Buenos Aires, 1969.

Jara, Alvaro, (comp.) **"Tierras Nuevas. Expansión territorial y ocupación del suelo en América (siglos XVI-XIX)"**, El Colegio de México, México, 1969.

Lenin, Vladimir Ilich, **"Capitalismo e agricultura nos Estados Unidos: novos dados sobre as leis de desenvolvimento do capitalismo na agricultura"**, Brasil Debates, São Paulo, 1980.

Linhares, Maria Yedda, **'Um historiador por número: Frederick Jackson Turner'**, in: **"Boletim de História, Ano I, N 2 e 3"**, Rio de Janeiro, 1959.

Nícia, Villela Luz, **"Op. Cit"**.

Mabragaña, H. **"Los Mensajes. Historia del desenvolvimento da la Nación Argentina relatada cronologicamente por sus gobernantes (1810-1910). Tomo IV, 1881-1890"**, Companhia Argentina de Fósforos, Buenos Aires, 1910.

Marx, Carlos, **"El Capital, Vol. 1"**, Fondo de Cultura Económica, México, 1986

Morse, Richard, **"The bandeirantes; the historical role of the brazilian pathfinders"**, Alfred A. Knopf, New York, 1967.

Oddone, Jacinto, "**La burguesía terrateniente argentina**", Liberia, Buenos Aires, 1975, (1era. ed. 1930).

Ortíz, Ricardo, "**Historia Económica de la Argentina**", Raigal, Buenos Aires, 1955.

Prado Jr., Caio, "**Formação do Brasil Contemporâneo**", Brasiliense, São Paulo, 1992 (1era. Ed. 1942).

-----,"**História econômica do Brasil**", Brasiliense, São Paulo, 1985, pág. 123, (1era. ed. 1945).

Perissinotto, Renato Monseff, "**Frações de classe e hegemonia na primeira República em São Paulo**", Universidade Estadual de Campinas, Discertação, 1991

Ricardo, Cassiano, "**Marcha para oeste. (A Influência da bandeira na formação social e política do Brasil)**", Editora da USP Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1970.

Rodrigues, José Honório, 'D. Henrique e a abertura da fronteira mundial', Coimbra, 1961, Separata da "**Revista Portuguesa de História, vol. IX**"

Sarmiento, Domingo F. "**Facundo, civilización y barbárie**", Austral, Buenos Aires, 1962, (1era. ed. 1845)

Socolow, Susan, 'Los cautivos españoles en las sociedades indígenas: el contacto cultural a traves de la frontera argentina', In: "**IHES, N2**", 1987, Tandil

Turner, J.F, 'El significado de la frontera en la historia americana', In: Clementi, H, "**J.F. Turner**", Centro Editor de América Latina, Buenos Aires, 1992.

Velho, Otávio Guilherme "**Capitalismo autoritario e campesinato : (um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento)**", Rio de Janeiro, Difel, 1979.